



Os cupins destroem obras em madeira, enquanto imagens esperam restauração

Tesouro abandonado

AJ. 10.241

Um tesouro com peças dos séculos XVII, XVIII e XIX guardado em local inadequado e com pouca proteção. Assim se encontra o acervo de artes sacras com seus anjos, santos pintados a ouro, resplendores de prata, missais, castiçais, peças de marfim, coroas, tiaras, oratórios e altares de madeira.

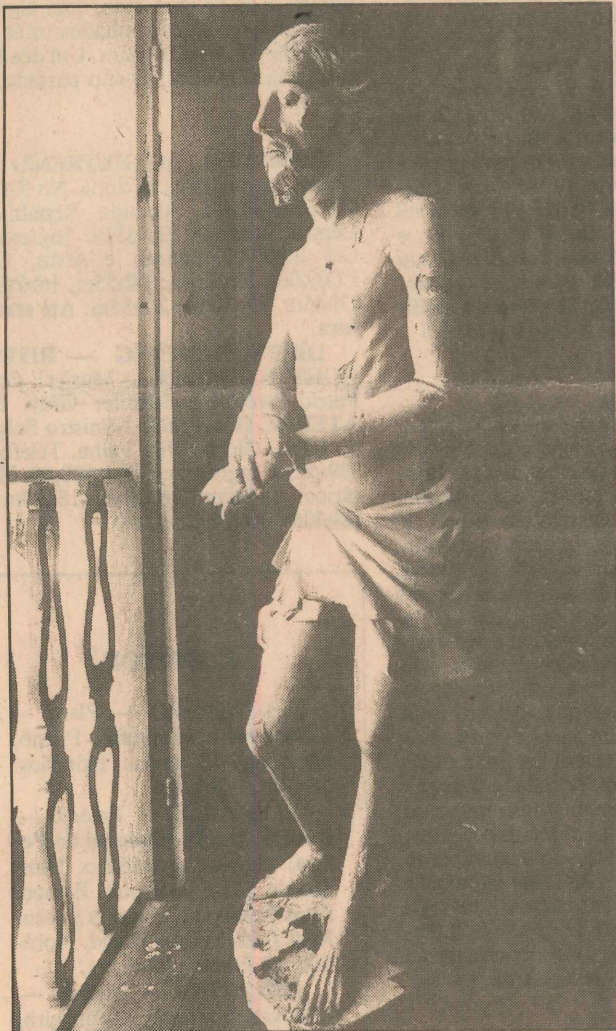
São quase mil peças, em mau estado de conservação, depositadas há 21 anos à espera de um local próprio para ser restauradas e novamente expostas. Como crianças abandonadas, vítimas do descaso público, maus-tratos, agressão física (muitas peças estão sendo destruídas pela ação dos cupins) e sem a mínima segurança, esse anjos e santos fazem milagre e resistem à ação do tempo e dos caçadores de tesouros.

Por uma questão de segurança, o local onde está depositado o acervo não pode ser revelado, mas a pessoa que zela por ele se mostra desolada com a situação das peças. "Tivemos duas professoras peritas em restauração que até iniciaram um trabalho de recuperação e arquivo das peças. Elas foram embora e ficou tudo parado", conta a funcionária.

As peças foram doadas, em sua maioria, por pessoas ligadas à Igreja Católica e por religiosos. Muitas pertenceram à Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Vitória. O valor das peças é incalculável, mas o nome dos escultores é desconhecido mas presume-se que grande parte das imagens tenha vindo de Portugal.

Santa Rosa do Viterbo, São Ruperto,





Anjos, santos, castiçais, coroas e missais: quase mil peças estão à espera de cuidado e de lugar seguro

Santa Rosa do Viterbo, São Ruperto, Jesus com manto vermelho, São José, Santa Margarida Cortona, Santa Bárbara, São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Rosal, são algumas das esculturas em madeira, pedra ançã, com pinturas a ouro, fogo, dos séculos XVII e XVIII. Santos representantes da fé dos Orientais, em marfim, também do Século XVII, fazem parte do acervo.

Eles estão à espera de restauração e um lugar seguro e digno para um tesouro, que, se não tivesse valor comercial, teria valor incalculável por representar a crença e a fé de nossos ancestrais.

Ao tomar conhecimento deste acervo e do estado em que se encontra, o secretário de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo, Francisco Aurélio Ribeiro, reconheceu a gravidade da situação. "Não vamos procurar culpados, estamos preocupados com o futuro dessas peças. Vamos tentar viabilizar verbas do Governo Estadual e das empresas privadas para que possamos recuperar o acervo e colocá-lo em local digno e seguro". A reivindicação da comunidade artística é de que seja criado o Museu de Artes Sacras.

Até 1971 o acervo pertencia à Ufes e ficava exposto na Capela Santa Luzia. A capela virou galeria e o acervo foi tombado pelo antigo SPAHN, hoje Instituto Brasileiro do Patrocínio Cultural, IBPC. A partir daí passou para o depósito, aguardando verba para restauração e projetos para definição de um espaço próprio. Vinte e um anos se passaram e as esculturas, símbolos da fé e esperança do povo, hoje se amontoam num pequeno espaço onde os cupins pouco a pouco destroem tudo.